

# Uma manta de histórias

3º A – Profª Sónia Costa

E.B.1 DE ALVOR

BIBLIOTECA ESCOLAR

As flores do primeiro retalho são de uma manta, e será este pedaço de manta, repleto de recordações, que dará início à construção da nossa fabulosa Manta de Histórias. Quem fez esta manta foi a avó Maria. Sentadinha à sua janela, na rua de São João, tricotou e crocheteou esta e tantas outras, tal como magníficos naperons e xailes quentinhos que fazem parte de histórias passadas, mas que tanto nos dão também para contar, agora, no presente. É esta visão, da avó à janela a tricotar ou crocheter, que me vem à memória, quando penso nela e nas férias de verão. Verões repletos de momentos que jamais esquecerei. O ano pode ter quatro estações, mas era o verão que ansiava que chegasse, para poder regressar a Alvor, rever amigos e com eles viver aventuras para mais tarde relembrar. Os anos passaram e vários capítulos foram vividos para a nossa história de vida preencherem. A vila era sempre a mesma, embora sempre diferente, a cada regresso.

As personagens foram mudando, pois a família foi crescendo. Também o amor por Alvor e pela sua gente cresceu. Cresceu em sentimento e em número de amores por ela rendidos, pois agora amava-a eu e os teus descendentes, avó. No dia da partida... quando tínhamos de regressar a casa, fosse nas Caldas ou, mais tarde, em Aveiro, era sempre de coração apertadinho que via Alvor ficar para trás. Mas tal como a avó, que com a sua agulha crochetava a sua manta, também a vida se encarregou de crochetar a nossa história e de nos trazer até Alvor para cá ficar e com a sua gente viver. E quanto à tua manta, avó, algumas das suas flores, tal como neste retalho, fazem parte de uma outra história. A história de todos aqueles que na nossa “Poupa d’Alvor” se acolhem para viverem as suas aventuras, desfrutarem dos seus momentos e recordarem Alvor com todo o amor e saudade que ela merece.

Na tua casa na rua de São João, estão escondidos tantos segredos, tantas histórias, tantos momentos e todos os teus pensamentos, enquanto tricotavas e crochetavas sentada à tua janela. Por quem esta casa passa, o teu crochê aprecia, mas quem o admira não sabe o que ele diria, se pudesse falar, nem imagina quantas histórias estas flores, e tudo o mais, teriam para contar... ...a nossa história♥

Ema e Mãe

## A NOSSA ETERNA PRINCESA☐

Luena, minha pequena Princesa, minha querida prima que com só 11 anos partiste para o Céu junto de Deus após lutar pela vida durante uma semana. Eras uma menina maravilhosa, cheia de força e vitalidade, boa estudante, desportista, amiga dos teus amigos e com um coração tão grande que não cabia no teu peito. Desprendias tanta luz que iluminavas tudo a tua volta. O teu sorriso era mágico e nunca vamos esquecer-nos dele. Tens sido e sempre serás amor, luz, vida ...sempre tão alegre e tão bonita, eras a alma da nossa família. Apesar de já não estares entre nós sempre estarás viva nos nossos corações, nas nossas memórias. Partiste feliz e em paz, acompanhada da tua família e amigos que te encheram de beijos, abraços e muito amor. Vamos ter muitas saudades porque o amor que ficou por ti é muito!

Saudades de ouvir a tua voz, de abraçar-te, de mexer no teu cabelo lindo. O dia em que tu partiste nasceu a estrela que mais brilha no Céu e que sempre nos iluminará. Sempre serás a Nossa Eterna Princesa. " Num mundo mágico as asas do seu Unicórnio a ergueram para voar numa viagem precipitada para nunca voltar "

Raúl Vela e Mãe

## A NOSSA TOALHA

Certo dia, uma menina de 12 anos, como tantas outras da sua idade, dava os “primeiros passos” na arte de bordar. “Esta toalha, Maria de Jesus, vai ser a tua primeira peça do teu enxoval- dizia-lhe a tia, ou mãe do coração, pois esta menina havia perdido a mãe há muito tempo. E assim fez, ela bordou e terminou tinha ficado uma peça muito bonita e bem feita. Orgulhosa do seu trabalho e esforço. “Um dia, quando for mãe, irei fazê-la de novo para a minha filha- dizia ela. Quis a sorte ou o destino, que ela tivesse duas filhas. E quando a primeira completou 12 anos, a sua prenda foi uma réplica da toalha. Anos mais tarde a sua segunda filha completava os 12 anos e como prenda esta recebeu à imagem da sua irmã uma toalha. “Se for viva irei fazer uma toalha para a minha neta, vai ser uma tradição de família”.

A família cresceu, e neste crescimento para além de dois meninos, quatro meninas vieram fazer parte. Escusado será dizer que hoje já todas mulheres, nos 12º aniversários todas elas receberam a tão desejada toalha. Era como se de um ritual de passagem se tratasse. Hoje já velhota, a Nossa Maria de Jesus, com muita vida, mas já de vista cansada, diz que só lamenta não conseguir fazer para as suas bisnetas. Este pequeno retalho é a mostra de um carinho e de um AMOR MAIOR.

Afonso Almeida e Mãe

## A CASINHA DOS MEUS AVÓS

Rodeada por montes e, a norte por água da Barragem do Funcho, a casa dos meus avós maternos é aquele sítio maravilhoso, onde passamos todos os natais e alguns fins-de-semana em família. Lá, conseguimos relaxar porque só se ouve o barulho dos passarinhos, do vento e o ladrar dos cães de vez em quando. Desde que nasci que, a minha grande companhia quando lá estou, é um dos cães dos meus avós, que se chama Barriguita. É um Serra da Estrela, dourado com os olhos cor de mel. Ele acompanha-me para todo o lado. Quando era mais pequenina, deitava-me em cima dele e, ele não se mexia, deixava-me estar o tempo que eu quisesse. Gosto muito dos outros quatro cães que os meus avós têm, o Relvas, o Rafe, o Rex e o Ruca, mas com o Barriguita é diferente, sinto que ele me protege, mais até que aos meus irmãos. Ele conheceu-me desde que eu nasci e, aos meus irmãos desde os seus 4 e 3 anos.

Os meus avós, para além dos cães, têm também gansos, pombos, galinhas, um porco e algumas árvores de fruto. Nós gostamos muito de ir apanhar a fruta e comer logo. No Verão gostamos muito de tomar banho na barragem, colocamos os coletes e lá vamos nós à aventura. Andamos de barco, canoa ou em cima de colchões. Divertimo-nos muito, eu, os meus irmãos e as minhas primas. No Inverno brincamos dentro de casa, com a lareira acesa. Comemos as comidinhas gostosas que a minha mãe prepara e, os doces docinhos que o meu pai, irmão e avós fazem. Nunca me vou esquecer destes momentos tão bons, passados com os meus irmãos, pais, tios, primas, avós maternos e paternos.

Bianca e Mãe

## O MEU RETALHO

Olá meus amigos. Eu quando nasci fiquei sozinho, quer dizer, nasci sem ter irmãos para brincar. Mas não me importava, pois na escola tinha amigos e nós brincávamos muito. Só que em casa brincava sozinho, pois não tinha irmãos!! Só tinha os meus queridos pais e eles nem sempre tinham tempo para brincar comigo, pois trabalhavam muito e quando chegavam a casa estavam cansados e ainda tinham que trabalhar na limpeza da casa e a fazer a minha comida e a deles. Muitos dos meus amigos já tinham irmãos mais novos para brincar, menos eu!! Um dia cheguei a casa, fiz assim uma cara de muito triste, pus-me em bicos de pé e com voz grossa, voz assim de mau, disse aos meus pais. Pais, quero um irmão ou uma irmã para brincar. Se não me derem, nunca mais como a sopa até ao fim, nunca mais!! Pronto!! Olharam para mim muito surpreendidos, olharam um para o outro, deram um sorriso esquisito e não me disseram nada.

O tempo foi passando, passando... Passados uns tempos, comecei a ver a minha querida mãezinha a engordar de dia para dia e sempre cheia de vômitos e muita má disposição e hoje está mais inchada do que nunca!! Uai!!! A minha mãezinha está doente, está mais inchada e se calhar foi por eu ter dito que queria um irmão e se não me dessem, eu nunca mais comia a sopa até ao fim!!!! A culpa é minha!!!! Mãe, mãe, não liguês ao que eu disse!! Podes parar de engordar!! Eu prometo que como sopa todos os dias, não é preciso dares-me um irmão, eu como tudo!! Meu querido filhote, a mãe não está doente!! A mãe está muito feliz e tu também vais ficar. Olha filho, um dia destes vais ter uma surpresa!! Sim? O que é mãe, o que é? Diz lá!! Vais ter um irmãozinho para brincarees, sempre que quiseres. Uau!!! Que fixe!!

Obrigada mãezinha, obrigado paizinho!! Uau, um irmãozinho para eu brincar!! E vão comprá-lo aonde??? Eu sou o Lucas. Hoje tenho oito aninhos, os meus pais há três anos a esta parte trouxeram para mim, o meu irmãozinho Simão e eu sou o rapaz mais feliz deste mundo. Todos os anos, no dia 11 de Outubro, eu e o meu irmãozinho fazemos anos. É muito engraçado!! Calha no mesmo dia!! Aposto que viemos os dois do mesmo sítio!!! Ehhhhh!!!

Lucas e Mãe

## A TOALHA DOS PIQUENIQUES

Este retalho, aos quadrados azuis e brancos, pertence a uma toalha que levamos sempre para os piqueniques e que ainda hoje usamos. Ainda eu não era nascida, quando, num dia de verão, os meus pais e a minha irmã foram fazer um piquenique perto da praia. De manhã foram passear na praia e perto da hora de almoço foram para um parque de merendas que estava lá perto. Prepararam tudo para começar a almoçar. Como a minha irmã ainda era pequena, não conseguiu cortar o bife e o meu pai ajudou-a. O bife estava num prato de plástico descartável e tinham também levado talheres descartáveis e o meu pai com uma faca de plástico conseguiu cortar o bife, o prato e a toalha. A primeira vez que a toalha foi utilizada ficou marcada para sempre, mas, ainda assim, acompanha-nos sempre que vamos fazer piqueniques e sempre que olhamos para esta marca a minha mãe relembra-nos esta história.

Carolina Gomes e M<sup>a</sup> do Céu Fróis

## CILINHA E A MENINA DE OLHOS DA COR DO CÉU

A história que vos vou contar passa-se numa linda e singela aldeia transmontana, situada entre um vale e atravessada por um ribeiro de águas cristalinas que divide a povoação. Nesse sítio mágico vivia uma pequena menina de olhos meigos e traquinas, da cor do céu. Essa menina era uma sonhadora! Gostava de voar...na sua imaginação...nas suas diversas e constantes brincadeiras...sonhava em ser cantora ou bailarina...adorava ler histórias de princesas e de príncipes encantados...brincava dia e a noite (se a deixassem!)...muitos eram os seus sonhos e amiguinhos! Os finais de tarde quentes de verão eram vividos intensamente entre risos e gargalhadas, jogos divertidos como: “Às escondidas”, “ Mamã dá licença”, “Cabra-cega”, ao “Estica”, “Saltar à corda”, “ao mata”,...e tantos outros!..eram tardes especiais, ricas em afetos!

Ora, é sobre o ser especial que vos quero falar... Nessa pequena aldeia, onde vivia a menina de olhos cor do céu, morava a Cilinha. A Cilinha era diferente de todas as pessoas que já conheci. Tinha nascido com uma doença única, genética designada por “Ossos de vidro” ou como os senhores crescidos diziam “osteogénese”. A Cilinha não andava como qualquer pessoa... deslocava-se de muletas e usava uns sapatos especiais. Na verdade, a sua limitação física era apenas um pormenor... aos nossos olhos era igual a nós. Ela, do seu jeito, acompanhava as brincadeiras de toda a criançada do bairro: dava à corda quando queríamos saltar...era júri nos Concursos de Eurovisão que reproduzíamos (e, escusado será dizer, que a menina de olhos da cor do céu era a sua favorita!)...jogava às cartas e dominava a arte da costura e dos bordados como ninguém! Se as minhas bonecas falassem diriam: - “ Que fashion fiquei com esse vestidinho que costuraste!”

A menina dos olhos da cor do céu retribuía estes miminhos oferecendo-lhe a sua amizade, dando-lhe afetos, beijinhos, presenteando-a com gargalhadas e risos, danças, cantigas e cantiguinhas e...amoras silvestres que recolhia ao domingo das melhores silvas do sítio! O retalho foi bordado com as suas delicadas e habilidosas mãos... Obrigada Cilinha pelo cuidado e preocupação que sempre tiveste para comigo! Pela tua amizade e sobretudo por seres esse ser de luz, exemplar para mim e para tanta gente!

Professora Sónia Costa

## DE AMOR ... A PAVOR

Andreia... menina que passou a infância na casa da Avó Lila, em Beja.

A casa da Avó Lila situava-se na esquina da rua, junto ao magnífico Castelo de Beja, com uma imensidão de relva verdejante ao seu redor. As suas paredes eram amarelas. Tinha uma enorme varanda com uma casinha num canto, uma garagem com um sótão e o grandioso quintal, cheio de cágados e plantas. Era uma casa de sonhos! Os cágados eram o delírio de todos lá em casa!! Eram grandes e velhotes, e a sua carapaça era escura. Adoravam apanhar sol e tomarem banho no alguidar gigante de alumínio, mas não gostavam nada que os pequenos da casa os incomodassem. Já os pequenos, adoravam ir para a garagem da Avó Lila e, no fogão de plástico e nas pequenas panelas de alumínio com a asa vermelha, preparavam a agradável refeição dos cágados com farinha, arroz e água. Fazer estas papas era, para eles, uma delícia.

Andreia adorava os cágados, mas vivia angustiada por não haver nenhum bebé. A Avó Lila, que não podia ver a sua pequena triste, ofereceu-lhe então uma tartaruguinha! A alegria foi imensa! Mas, infelizmente, não foi duradoura... A menina andava sempre com a sua tartaruguinha na algibeira do pequeno bibe florido que costumava vestir para brincar. Ela fazia parte de todas as suas brincadeiras. Certo dia, Andreia deu-lhe um aconchego tão grande com a mão, que esta foi a última brincadeira que teve com a tartaruguinha, que nunca mais viveu aventuras fora daquele bolso do bibe florido. A partir desse dia, o amor que a pequena Andreia tinha pelos cágados da Avó Lila transformou-se em pavor!

Maria Flor e Mãe

Era uma vez uma avozinha chamada Ângela, sim era a minha avozinha. Ela era baixinha. Tinha olhos castanhos e usava um lencinho na cabeça para a proteger do sol e do frio. Morava em Alvor. □Ao pé da casa dela havia um parque de brincar, era num castelo, ela levava - me para lá, depois de sair da escola. Eu brincava, pulava e a minha avozinha sentava- se no banquinho a fazer as suas meias de lã muito quentinhas e fofinhas.□Com o frio ela tinha muitas encomendas dos pescadores, para levarem as meias quando iam à pesca. Os estrangeiros, quando viam as meias também queriam para levarem para casa, para o frio. Muitas meias ela fazia!□Era conhecida, a senhora das meias quentinhas agora é a minha estrelinha. □Sim, a minha estrelinha! Pois ela já nos deixou! Mas deixou- nos meias quentinhas, para os pézinhos.

Diogo Fernandes e Mãe

Era uma vez uma menina  
Com sede de saber.  
Não gostava de bonecas  
Apenas gostava de ler.

A sua irmã pedia  
Que com ela fosse brincar,  
Mas a menina não conseguia  
Do seu livro se separar.

Os outros meninos ansiavam  
Ir para o recreio brincar.  
Mas a menina, essa,  
Não saía do seu lugar.

Os outros meninos gozavam,  
Riam e sem dó, diziam:  
Ah! Ah! Olha a menina  
Que nunca quer brincar.

-Não quero brincar?!  
Refutava ela com satisfação-  
Passo o tempo todo a brincar!  
É só usar a imaginação!

Quando leio posso voar,  
Correr, jogar e saltar.  
Posso até dar a volta ao mundo  
Sem nunca me cansar.

Quando leio sou heroína  
Capaz dos maiores feitos.  
Sou princesa, bailarina  
Com passos de dança perfeitos.

Os outros meninos ouviam,  
Com redobrada atenção.  
O que a menina contava  
Era uma verdadeira revolução.

Seria mesmo assim?  
Ler seria isso tudo?  
Viajar sem sair do lugar?  
Parecia um verdadeiro absurdo...

E quanto a vós, meninos?  
Deem-me a vossa opinião:  
Preferem acreditar na menina,  
Ou na restante multidão?

Pedro Estevens e Filipa

## ÉS TU

"Aí esse bem esse "és Tu"... Era Março de 2010 tinha uma barriga enorme e estava de cerca de 5 meses de gravidez, ia ser Mãe pela segunda vez e saber que podia dar a luz novamente já me trazia uma enorme felicidade. Esta camisa, vesti na gravidez do teu irmão e 5 anos depois voltei a vesti-la não por muito tempo, pois a barriga está a ficar grande. Desde que soube que ia ser Mãe de novo que o Tomás dizia que ia ser uma Mariana... Vestia esta camisa no dia que fiz a ecografia dos 5 meses, o Tomás estava comigo, silencio no gabinete do médico, a mão do Tomás não saía da minha barriga era um momento tão nosso faltava só Pai, mas estava a trabalhar... silêncio, só se ouvia o barulho das máquinas... de repente o Dr. Fernando olha nos olhos do Mano e diz "- Olha vamos ter uma Madalena" apressado o Tomás diz "

- Madalena não, Mariana, que admiração Eu já sabia"... de repente todos riamos com a certeza do Tomás desde sempre. Sim Filha estava grávida de Ti e ia nascer uma menina e a Família ficava completa, foi um dia inesquecível para nós os dois e assim a minha vida mudava do azul para o azul e rosa... agora ia ter uma Princesa, sim " és Tu".

Mariana e Ana Cristina

Francisco

## A CAMISA DE PESCADOR DO MEU AVÔ

Sabes meu filho este retalho pertence à camisa do teu avô. O teu avô era pescador, julgo que não o fosse por opção, paixão, mas sim, por pura necessidade. Naquela altura o mundo estava em guerra foi a chamada II Guerra Mundial e apesar do nosso país não ter entrado havia escassez de alimentos isto é, as pessoas passavam por privacidade, havia fome muita fome as pessoas não tinham o que vestir nem mesmo o que calçar havia a chamada desigualdade social, os muitos ricos e os muito pobres. Sabes com que idade o teu avô começou a trabalhar? Pois foi precisamente com a tua idade... Consegues imaginar aventurares-te num simples barquinho a remo mar dentro, enfrentando a escuridão das noites frias, o perigo das tempestades, a incerteza do regresso, confesso que também não...

O teu avô tinha como companhia nesse barquinho os seus irmãos um pouco mais velhos (teus tios), que infelizmente anos mais tarde o mar havia de ceifar as suas vidas, coisas do destino meu filho... O teu avô foi um homem marcado pela vida... apanhado pelas suas artimanhas, seus vícios, suas incertezas não fez na vida nenhum império mas fez algo de imperial, ser pescador... Ser Pescador rima com dor, mas também rima com valentia

Guilherme e Mãe

Há muito muito tempo atrás, talvez no tempo que os animais falavam, o meu avô era pequenino como eu. As famílias eram muito pobres e tinham muitos filhos. Havia pouca comida e poucos brinquedos. Um dia, a brincar com os amigos no campo, o meu avo viu uma figueira do vizinho cheia de figos, logo pensou voltar a noite, para levar alguns figos para comer com os irmãos. E assim fez a noite voltou e apanhou os figos, com fome comeu logo alguns. De manhã contente chamou os irmãos e deu-lhes os figos que tinha. Ao abrir os figos, todos tinham bicho... assustado foi contar á mãe o que tinha feito, pois tinha comido alguns. A mãe disse-lhe que foi castigo, pois devia ter pedido ao vizinho e não apanhá-los sem autorização. O meu avô nunca mais comeu figos.

Paula Leonor e André

Mais um quadradinho ,  
para completar esta manta  
um pedaço de uma fraldinha, que recorda uma  
infância.

Escrito com muito carinho, “dos avós para a Leonor”  
este pequeno retalho, simboliza o amor !

Vou agora ler, para que fique para a história,  
este lindo poema que serve de dedicatória!

O amor de uma neta, que agora quer agradecer  
a sua avó Isabel, que já tem dificuldades em ler.

Obrigada avó, por tanto carinho e atenção,  
espero nesta vida ter, sempre o teu coração!  
O teu nome está no meu, mas que belo presente  
um beijinho te dou , AMO-TE PARA SEMPRE !!

Dedicatória para a minha avó Isabel.

Leonor Isabel Freire

A história deste retalho é um bocadinho da história de uma pessoa que tem a sorte de fazer o que mais gosta – fazer coisas diferentes. Os passatempos de pessoas curiosas, como esta, são muito variados e cheios de ideias muito malucas, mais ou menos malucas, ou, menos malucas, conforme a disposição. E foi num dia de ideias muito malucas que esta pessoa pediu ao Pai Natal uma máquina de costura como presente, mesmo sem saber costurar! O Pai Natal fartou-se de rir mas como já sabe que esta pessoa tem ideias destas, não se importou e deixou-lhe a tal máquina de costura no sapatinho. E foi a partir desse Natal que começou o divertimento com linhas e tecidos, ou melhor, a loucura com linhas e tecidos, porque ninguém naquela casa sabia costurar com a dita máquina! Aos poucos e poucos, e com muita ajuda da internet, lá foram aparecendo sacos e saquinhos, trabalhos e trabalhinhos, bainhas de calças e outras coisas mais costuradas

pela máquina de costura e pela sua dona cheia de ideias. Numa certa vez, numa viagem aos Açores, outro passatempo que a pessoa que gosta de fazer coisas diferentes adora, ao passar numa rua do centro de Angra do Heroísmo, a família avistou este tecido numa montra: \_Que maravilha! \_ Pensou a pessoa que gosta de coisas diferentes. \_ Um tecido para costurar com o desenho do mapa mundo para viajar! É perfeito!!! Lá foi então comprar o tecido que aliava os dois passatempos – as viagens e a costura. As ideias começaram logo a nascer e a ideia que mais persistiu foi a de fazer um saco para transportar os seus materiais para a escola, o seu local de trabalho. E foi assim que nasceu o saco onde transporto os meus caderninhos para anotar as atividades das bibliotecas, um trabalho que adoro e que me permite, com a ajuda de toda a comunidade, fazer o que mais gosto - fazer coisas diferentes.

Professora Marlene

A história fala de um laço de uma boneca que a Sabrina gosta muito e não se desapega dela. Essa boneca já é dela há muito tempo. Ela não dá nem vende. É capaz de ficar com a boneca para sempre por isso é que colocamos o laço da boneca.

Sabrina e Avó

## RETALHO DE NATAL

Quando eu era pequena, na altura do Natal, a minha mãe colocava sempre os nossos sapatinhos debaixo da árvore de Natal e, eu com os meus 6 anos, um dia perguntei porque é que a minha mãe fazia aquilo e, ela disse que era para o Pai Natal deixar as prendas dentro dos sapatinhos se nós tivéssemos o sapatinho debaixo da árvore recebíamos prendas. Então, a Liliana, como era esperta, pensou bem! Se eu meter todos os sapatos debaixo da árvore vou ganhar mais prendas e, assim foi...fui buscar os sapatos de todos lá de casa, até as botas de borracha da pesca do meu pai e coloquei-os debaixo da árvore. No outro dia de manhã, quando os meus pais acordaram, foram á sala e estava a árvore de Natal cheia de sapatos! Eles começaram a rir á gargalhada. Até foram chamar os meus avós para ver o que tinha feito. O engraçado é que recebi as mesmas prendas de sempre!

Mas foi um dia para recordar para a vida toda. E assim foi a história do meu retalho de Natal.

Liliana Gonçalves (Mãe do Diogo Alves)



